

PÔSTER - GASTROENTEROLOGIA

**TENDÊNCIA TEMPORAL E DISPARIDADES DEMOGRÁFICAS DA
MORTALIDADE HOSPITALAR POR NEOPLASIA MALIGNA DO PÂNCREAS
NO BRASIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA (2014-2024)**

Alisson Dos Anjos Santos (alissons@ufba.br)

Camila Cristina Oliveira Do Carmo (camilacristina398@gmail.com)

Thaíssa Silva Moreira Barreto (thaissasmbarreto@gmail.com)

Júlia Da Paz Castro Oliveira (juliapaz2004@gmail.com)

Isabella De Andrade Oliveira (isabelladeandrade988@gmail.com)

Introdução: A neoplasia maligna do pâncreas destaca-se pela agressividade da doença, sendo um grande desafio da gastroenterologia oncológica. Pela evolução rápida e sintomas inespecíficos, o diagnóstico precoce se torna mais difícil. No Brasil, o monitoramento dos indicadores em saúde é vital para identificar falhas no acesso ao diagnóstico e disparidades no desfecho clínico. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos casos de neoplasia maligna do pâncreas no Brasil entre 2014 a 2024. **Metodologia:** Estudo ecológico descritivo com dados do DATASUS/Tabnet/ Morbidade hospitalar do SUS, em que foram analisados taxa de mortalidade, sexo, raça/cor, região e faixa etária sobre a doença. **Resultados:** O Brasil registrou um total de 31.800 óbitos de 2014 a 2024, com taxa de mortalidade de 22,44%. 2017 apresentou a maior taxa de mortalidade (27,19%) com 2.747 óbitos, enquanto 2024 registrou a menor taxa (17,99%), apesar dos 2.954 óbitos, indicando que, embora o volume de internações e mortes absolutas tenha crescido, a taxa de mortalidade

hospitalar apresenta tendência de declínio. A taxa de mortalidade masculina (22,57%) foi discretamente superior à feminina (22,29%). Na análise por cor/raça, a população preta apresentou maior taxa de letalidade (23,24%). O Norte deteve a maior taxa de mortalidade do país (27,24%). O Nordeste registrou 21,45% de mortalidade, mas a população preta da região atingiu 23,61%, superando a média nacional do grupo (23,24%), o que pode evidenciar vulnerabilidade regional acentuada. O Sul registrou a menor taxa (20,84%). A taxa de mortalidade eleva-se drasticamente com o envelhecimento, atingindo 40,51% em indivíduos com 80 anos ou mais, em contraste com a taxa de 8,67% dos 20 a 29 anos. Conclusão: Embora a taxa de mortalidade hospitalar tenha reduzido entre 2014 a 2024, o dado bruto de 31.800 óbitos revela a gravidade da doença. A elevada mortalidade nas populações preta e do Norte apresenta possível associação com disparidades socioeconômicas históricas. Esses entraves podem retardar o diagnóstico, favorecendo potencialmente internações em estágios avançados e em menor chance de cura. A grande letalidade em idosos reforça a necessidade de suporte oncológico especializado e cuidados paliativos. É importante fortalecer as políticas de equidade e promoção da saúde para reduzir os agravos identificados. Estudos futuros podem focar no tempo de espera entre o surgimento dos sintomas e o início do tratamento.

Palavras-chave: neoplasia maligna de pâncreas; tendência temporal; análise epidemiológica.